

Brasil deve ficar de fora do Plano Brady

Paulo Francis
de Nova Iorque

O Plano Brady visa a países interessados em converter parte de sua dívida em ações de empresas estatais ou particulares, que permitam investimentos em setores de alta rentabilidade como a informática e mineração. E só se qualificam países que tenham definido uma política de comum acordo com o Fundo Monetário Internacional, ou seja, em base monetária (o dinheiro que se emite devidamente controlado) e déficit orçamentário, do qual o Brasil é um dos maiores do mundo em relação ao que tem e produz (PIB) e cuja ferida nunca será estancada por esparadrapos como o Plano Verão.

Isto é que me disseram em confidências um banqueiro altamente categorizado e um alto funcionário do Ministério da Fazenda (Treasury Department) dos EUA sobre as chances — nulas — de o Brasil aceitar e ser aceitável para os arquitetos do Plano Brady, que diminuirá o principal e o pagamento de juros da dívida externa do Terceiro Mundo (América Latina, em particular), com reforço e intermediação do FMI e Banco Mundial.

Foi em resposta à indagação minha, porque,

ontem, mais uma vez, o Plano Brady foi notícia de primeira página no "The New York Times" e "The Financial Times". Mas o Brasil não é sequer mencionado como possível beneficiário, e, sim, países como México e Venezuela, cuja dívida externa é menor do que a nossa. Mas, claro, se acertaram com o FMI e se propõem a abrir a economia. O Brasil está deitado eternamente no berço esplêndido do veto na Constituição a que o capital estrangeiro "viole" nosso solo. "Nacionalizaram o risco", na frase memorável do senador Roberto Campos. A Lei de Informática, origem e fonte de violações, sem aspas, de patentes dos EUA e de outros países desavisados, também já é conhecida, produzindo modelos nitidamente inferiores aos originais estrangeiros.

O Plano Verão não toca também no estado-marajá das estatais brasileiras, este prodígio de perdularismo, de prejuízos, de ineficiência e empreguismo, pago pela miséria da maioria do povo brasileiro em nome do nacionalismo. Não há, nestas condições, lugar para o Brasil no Plano Brady, apesar das declarações cor-de-rosa do sr. Maílson da Nóbrega de que "estamos entre os primeiros". Não o e s t a m o s , simplesmente.